



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



**BOAS
FESTAS**

O «Pim-Pam-Pum», meus meninos,
que, apenas, para vós é,
faz votos para que todos
os leitores pequeninos,
achem brinquedos a rôdos
sôbre o lar da chaminé,
junto ao vosso sapatinho;
pois é sinal,
já se vê,
de que não teem maus modos,
de que não procedem mal,
e que até o Pai Natal
se mostra vosso amiguinho.

NEVES DE NATAL

Por

Julião Selvagem

(Ao Guilherme Alves Pedroso)



Por JULIÃO SELVAGEM



A neve,
Tã leve,
Que cai lá do Céu,
E' linda, branquinha!
Cai tam lentamente,
Que a gente
Nem sente
A neve cair!

Entre o arvoredo
O vento, em segredo,
Soprando canções,
Lá vai juntando,
Soprando,
Levando
A neve aos baldões.
Por cima, nos ramos
De folhas despídos,
Não há um só ninho
Das aves fugidas.
Hã flocos de arminho,
Hã neves caídas
De cima, do Céu.

Mas ai, que vejo eu
Por entre a brancura
Da neve, rolando,
Na noite tam escura?!

Anjinhos, cantando;
Um velho branquinho,
De barbas de arminho,
De neve os cabelos...

Jã sei: vão levar
Brinquedos ao lar
Dalgum pòbrezinho,
Agora dormindo
Um doce soninho,
Talvez a sonhar
Com o Deus-Menino,
O meigo Jesus,
Que é tam pequenino
E que tanta luz
De amor e carinho,
E tanta bondade
Espalha no mundo...

E a neve, caíndo,
Caíndo, branquinha,
Lá segue, cobrindo
A estrada vèlhinha.

U chamava-lhe o «meu príncipe»...

Morava perto de mim e muitas vezes da minha janela o via na rua, sentado no degráu da minha porta, enquanto os outros garotinhos brincavam.

Não sei porque eu gostava mais d'ê do que dos outros — talvez porque me parecia muito triste.

Chamava-se Jorge e era loiro como um príncipe. Uma tarde perguntei-lhe porque não brincava êle, como os outros rapazes da sua idade.

Disse-me que já não tinha pai e que a sua mãe trabalhava a dias. Só não brincava — receando romper o fato e ter, assim, de incomodar a pobre mãe que recolhia a casa já farta de trabalhar.

Tinha dez anos sómente, mas era duma vivacidade que encantava e a sua inteligência fazia-o ambicionar um emprego a-fim de ajudar a mãe — «pois assim já seriam dois a ganhar»...

Jorge terminara os seus estudos primários e passava as tardes comigo, enquanto a mãe trabalhava para que pudessem manter-se.

A boa mulher extenuava-se mas podia orgulhar-se de ter o lar sempre tão limpo que dava gosto ver-se. Além disso, Jorge podia apresentar-se dignamente em qualquer parte, dado o aceio cuidadoso da sua roupa, sempre bem passajada e lavadinha.

Em minha casa gostavam tanto do «meu príncipe» como eu próprio e minha mãe, se êle se demorava, não o deixava sair nunca, sem ter jantado connosco.

Um dia perguntou-me:

— Diga-me: porque há tantos pòbrezinhos que pedem pão?

— Porque o não têm para comer...

— Mas, se há gente rica, porque o não têm?

— Porque nem todos são caritativos.

E o meu príncipe, então, pôs-se a pensar. A cabeça apoiada nas mãos e os olhos fitos numa jarra com flores.

— Ah, se eu tivesse muito!...

— Olha, meu pequeno: Nunca te lembra de fazer bem apenas quando tiveres muito. Recorda-te sempre dos que têm menos e reparte com êles quanto possas.

Na ante-véspera do Natal, Jorge, como de costume, foi passar a tarde comigo. Ia mais triste e os seus grandes olhos azúis tinham maior melancolia. Interroguei-o. Principiou a chorar sem conseguir responder-me.

Acarinhei-o, beijei-lhe os cabelos. Passada a crise de chòro, ponde, enfim, contar-me a causa da sua mágoa.

Levantara-se eêdo e, ao chegar junto da mãizinha, encontrou-a a chorar.

— Mãizinha... porque chora?





E Jorge prosseguiu:

— Mãe... Então, não chore! Não vê que assim me faz chorar, também?!

— Sim, meu Jorge; eu não choro.

— Olhe, mãezinha: por enquanto não podemos fazer jantar de festa pelo Natal, mas, quando eu fôr mais crescido, havemos de tê-los bem lautos com «sonhos» e fatias douradas. E hei-de, então, comprar um vestido novo para a mãizinha estrear, sim? Mas... lá está outra vez a chorar...! Não quero!

— Dá-me tanta pena ver os outros com fatinhos novos e brinquedos e eu sem poder dar-te coisa alguma!

— Então! Há outros que têm menos do que nós, que sempre vamos tendo agasalho. E há tantos, tantos que até dormem na rua!

E Jorge chorou, então, com pena dos que não tinham casa.

Entanto a mãe saiu para o trabalho, deixando-o só, todo entregue à lembrança de que, naquele dia, quando o pai era vivo, tinham sempre em casa com que fazer a festa do Natal.

E os seus olhos percorriam o armário onde, nesse tempo, a mãe guardava a farinha, os ovos, o açúcar e onde não havia, agora, nem o embrulhinho da canela para perfumar a calda das filhoses.

Lembrou-se do sapato na chaminé, das alegrias que os brinquedos nele despertavam.

Agora nem isso!...

Quando, de manhã, se levantava, ficava a olhar a chaminé sem brinquedos e, a um canto, a mãe a chorar — que era o que lhe fazia ainda mais pena.

Não; agora não poria lá o sapato para que a mãe não sofresse novas desilusões. E, tristemente, dizia:—mas o que me faz chorar é ver minha mãe a sofrer e ver os outros a rir!

Não é por vê-los contentes, não! E' porque troçam de mim. Riem-se quando me vêem sem brinquedos nem roupa nova.

Se eles soubessem... às vezes, quasi não chego à janela, para que não me vejam os olhos cheios de lágrimas e não julguem que invejo o que eles têm.

Ouvindo-o, então exclamei:

— Deixa, meu Jorge. Jesus é amigo dos bons e perdôa aos maus, na hora do seu arrependimento. A tua vez há-de chegar! Eu vou falar com tua mãe para que não chore se o teu sapato ficar vazio.

E fui...

Pedi-lhe que não mostrasse tristeza nos dias em que, justamente, deve entrar a alegria nos lares, nos corações e nas almas.

No dia seguinte, Jorge disse-me que tivera uma idéia; ia pôr o sapato na chaminé com um bilhete para o Menino-Deus, pedindo-lhe que ajudasse a mãe e amparasse o lar. Assim fez.

Dormiu sossegadamente na véspera de Natal; na manhã seguinte levantou-se e correu à chaminé, ansioso de ler a resposta que queria encontrar no sapato.

E oh! que deslustramento!

A chaminé estava florida! Linda, como um céu repleto de estrelas! E quanta neve prateada, brilhando faiscante ao clarão da manhã, que banhava toda a cozinha!

Ficou mudo de espanto e contentamento.

Sobre uma mesa estava uma travessa atochadinha de «sonhos» — uma delícia de perfume! E o Jorge murmurava:

— Meu Deus! Como vos agradeço! Como a mãezinha vai rir e ficar contente!

E pôs-se a chamá-la:

— Mãezinha! Venha ver. Hoje não vai chorar. O Menino Jesus ouviu-me.

Pedi-lhe tanto que lhe poupasse as lágrimas!

E abraçou-se a ela, a chorar e a rir.

— Não sei, meu amor!

Todos os dias, depois que o pai falecera, a mãe chorava sempre que se aproximavam os dias festivos.

E cai sem cessar,
Tam leve e macia
Que brinca, esvoaça,
Mais leve que o ar,
Mais linda que a graça
Dum riso feliz,
De linda criança!

Que pena
Que a neve,
Tam branca,
Tam leve,
— Tam leve e macia —
Nos caia dos Céus,
Mandada por Deus
Tam linda e tam fria!

E aquele velhinho,
De barbas de arminho,
Na estrada
Caminha;
Lá segue e não sente
O frio da neve,
Lá vai, lentamente,
Sorrindo de esperança,
Enquanto na aldeia
A pobre criança,
Há muito que sonha
Com lindos brinquedos.

E a noite tristonha,
Tam escura
E medonha,
Ao bom do velhinho
Põe branco o caminho,
Que pisa, contente.

E os anjos, cantando,
Lá vão indicando
Qual é a casinha
Que a neve, branquinha,
Cobriu lentamente,
E onde, sorrindo,
Entra de mansinho
O branco velhinho.

Depõe um «bébé»
De louça pintada;
Um lindo palhaço;
Um gato felpudo,
Sobre a chaminé,
Junto ao sapatinho,
Pequeno e velhinho,
Da pobre criança.

Jesus dera tudo,
Porque a criançinha
Não era mãezinha...

E aqueles meninos
Que são pequeninos
Mas gostam, porém,
De só fazer mal;
Escutem-me bem:
Jesus aos mauzinhos
Não manda os anjos,
Nem deixa, também,
Que Papá-Natal
Vá à chaminé
Depor um «bébé».

O PRESEPIO E O ZÉZINHO

Por AUGASTO DE SANTA-RITA

Desenho de ADOLFO CASTANÉ



O PAI NATAL

Meninos, sabem quem é o velho Papá Natal, que, na vossa chaminé, quando não procedem mal, vos põe brinquedos ao pé do sapatinho? Quem é? Não sabem?! E' natural.

Podia ser S. José, que sendo também velhinho, era o Esposo idolatrado da Virgem da Nazaré; mas não é. Quem, afinal? E' S. Pedro disfarçado.

S. Pedro que, festejando o Natal do Deus-Menino, as portas do céu deixando, com vestes de peregrino, desce à Terra, em vôo brando, cumprindo um mando divino.

S. Pedro que do céu vem dar-vos um lindo brinquedo... Mas não digam a ninguém porque é um grande segredo!



ZINHO era um menino pobre. Seus pais não podiam dar-lhe presentes caros e todos os anos, pelo Natal, Zézinho entristecia, ao ver as montras repletas de valiosos brinquedos, que iam parar às mãos dos meninos ricos os quais, conduzidos pelos respectivos papás, entravam nos bazares, onde satisfaziam as suas predilecções.

Não era inveja o sentimento que assaltava Zézinho, ao vê-los sair das lojas, atalhados de embrulhos e um sorriso de imensa felicidade a iluminar-lhes os pequeninos rostos, de cândida expressão. Era pena, tristeza de os não poder adquirir também.

A-pesar-de ter, unicamente, dez anos, Zézinho já trabalhava, auxiliando os pais no sustento da casa. Vendia jornais e algumas vezes cautelas. Então, a sua vôsita débil, enchia parte da rua com seus cantantes pregões: — «*Oh! ó Século, o Século e o «Pim-Pam-Pum!»... E' hoje que anda a roda; é o mil trezentos e trinta e três!... É a grande, é a grande!...*» E tanto apregoava e tanto moirejava o dia inteiro, que sempre chegava a casa

com as mãos vazias e a bolsa cheia do produto da venda, que logo entregava ao pai.

Um dia, porém, na véspera do Natal, Zézinho conservava, ainda, entre mãos, uma cautela de vinte escudos, já farto de a apregoar. Era o seis mil e seis, por sinal capicúa. Faltava, apenas, um quatro de hora para andar a taluda do Natal.

Ninguém lhe pegava, ninguém a queria, que azar! Mas era, ainda, tempo de a vender. A' última hora, havia sempre compradores. Era questão de percorrer a baixa da Cidade!

Disponha-se a ir, de novo, apregoá-la, quando, na montra dum bazar, um lindo Presépio, todo iluminado, lhe chamou a atenção. Parou a contemplá-lo. O menino Jesus sobre palhinhas, entre Nossa

Senhora e S. José, um burrinho, uma vaca e uma ovelhinha branca, parecia sorrir-lhe. Então, as meninas dos olhos de Zézinho entraram no Presépio. Percorreram-o todo, envolvendo, no mesmo afago, a Senhora, o Santo e os animais, completamente alheado e esquecido da venda. Só despertou do seu extasi, do seu recolhimento espiritual, horas depois, ouvindo, ao seu lado, um companheiro apregoando a lista. E ele, ainda, com a cautela na mão! «*Ora esta, ora esta!... Que hei-de fazer, agora?!... (murmurava a chorar). Se ainda, ao menos, tivesse o mesmo dinheiro! Eh «pá» deixa lá ver a lista!...*» acrescentou, chamando-o.

Então, súbitamente, o olhar incendiou-se-lhe e uma expressão de intensa alegria se lhe espelhou no rosto.

O número da «grande» era o seis mil e seis!



F I M

Cheio de alegria, reflectida nos seus grandes e magníficos olhos, semelhantes a dois lagos profundos e claros, no fundo dos quais brilhava, como uma bênção divina, a gratidão do seu coraçãozinho, Jorge exclamou, voltando-se para mim:

— Agora vou procurar repartir o que Jesus me mandou. Ali no bêco, junto do chafariz moram uns pequenos, tão pobres como eu! Se não tiveram brindes, levar-lhes-ei brinquedos, «sonhos» e arrôz doce. Assim a alegria de minha mãe será maior, porque levo outras alegrias mais longe.

— Mas é preciso levar-lhes, também, palavras de conforto e resignação. Falar-lhes à alma para que tenham fé no futuro.

O NATAL DO MEU PRINCIPE

(Continuado da página 3)

Vai a esses lares pòbrezinhos e dize-lhes da tua esperança, de como sou beste confiar e viver sem invejas. Mostra a tua alegria no meio da tua pobreza e eles compreenderão que, nem só aqueles que muito possuem, têm direito de viver contentes.

Nem todo o dinheiro do mundo pagará a alegria de poderes fazer bem.

— E' verdade — concluiu Jorge — se eu fôsse rico e ambicioso de que servia o muito que tinha, se outros morriam de fome?

E lá foi... espalhando sorrisos e confortos por aqueles de quem ele lamentava a pobreza.



A SURPRESA DE JUCA

Juca, menino exemplar, que nunca prega uma péta, que já lê sem soletrar, de ponta a ponta a selecta, que foi sempre obediente aos seus mestres e papás, respeitando toda a gente, que nunca maldades faz; foi depôr seu sapatito na chaminé do seu lar, para alcançar um bonito com que pudesse brincar.

Calculem sua alegria, quando, no dia seguinte, foi encontrar — (quem diria?! —) em vez de um, apenas; vinte!

Dir-se-ia até mesmo estar transformada a chaminé no mais completo bazar que em plena «baixa» se vê.

O que faz ser um bebé uma creança exemplar!

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

QUADRO DE HONRA

PREMIADOS DAS SÉRIES X A XIV: — (Com um lindo livro): — Antero dos Santos Ribeiro, Gadá, Tic-Tac. (Com uma construção de armar): — Andorinha, Coca-Bichinhos, Maria do O', Babo-Babinho, El-Bravo, Zécalcúlos, William, Um Alentejano, Maria Fernanda Gonçalves, Marlus.

PREMIADOS DAS SÉRIES XI A XV: — (Com um lindo livro): — Pitola, Barlanecas e D. Papeta. — (Com uma construção de armar): — Pum Pum Pam, Pirotecnico, Oliva, Gandi II, Homem Zito, Jorge de Sintra, Marito Pito, Braba, Papa-moscas, Tigre Real.

Pedimos a todos estes concorrentes que nos enviem o seu retrato para ser publicado nas condições do Concurso, escrevendo-lhe nas costas o nome, morada e pseudónimo.

IX Série

(Terceira das ultimas 5 séries)

CHARADAS EM FRASE:

- 1.ª — Nota que o animal também entrou na corrida. 1-2.
Nécas
- 2.ª — Cruza o queixo do homem nesta terra portuguesa. 3-2.
Micles de Tricles
- 3.ª — Meti o leito deste animal no dormitório. 2-2.
Zé Nabiça
- 4.ª — Leve este verbo e siga a creada. 1-1.
Jodasillo
- 5.ª — No altar a um canto encontrel este homem. 2-1.
Cinco
- 6.ª — Aquêlê tar é pena não estar unido. 2-1.

CHARADAS AUMENTATIVAS:

- 7.ª — No buraco está um mamífero. 2-2.
Nando januario
- 8.ª — A mulher gosta daquêlê enfezado. 2-2.
Any Lady
- 9.ª — A luta foi ganha por um grupo de soldados. 2-2.
Off-Side
- 10.ª — Este roedor é um grande excentrico. 2-2.
Manecas

CHARADAS SINCOPADAS:

- 11.ª — Esta casa de diversões tem uma chaminé. 3-2.
El-Gil

- 12.ª — Deve-se ser recto com a palavra. 3-2.
Anibal Ortiz Martins
- 13.ª — O campo é carinhoso para os doentes. 3-2.
Vialegre
- 14.ª — Nesta cidade algarvia está um envolvero sem mercadoria. 3-2.
Vidalegre
- 15.ª — Mulher espero ansioso a tua missiva. 3-2.
Pearo Calapez Correia
- 16.ª — Esta mulher fala muito. 3-2.
X-27

CHARADAS ELECTRICAS:

- 17.ª — Tem cal mas é duro. 2.
Yo-Yo
- 18.ª — Nunca passa duma creada. 2.
Zé Nabiça
- 19.ª — Apre! Você muito se engana. 2.
Sir Mideth
- 20.ª — A espingarda que está perto da corrente ja esteve no novel. 2-2.
Bucha & Estica

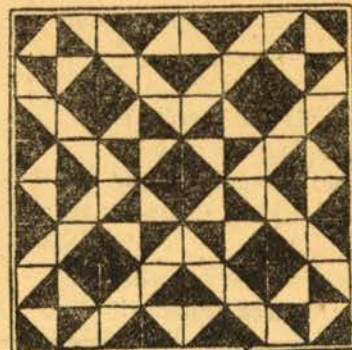
A solução destas charadas, deverá estar em nosso poder até ás 18 horas do dia 13 de Dezembro, (sabado).

TIO TONIO
Rua do Século, 43
L I S B O A

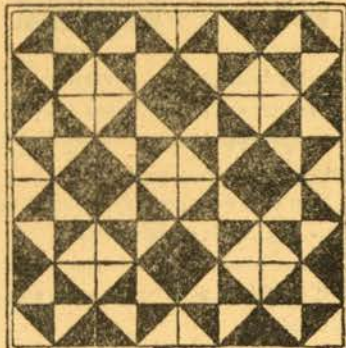
Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no N.º 359 (XVII Séries)

- | | | | | |
|------------------|------------------|----------------------|-----------------------|------------------|
| 1.ª — Maneta | 5.ª — Tocador | 9.ª — Roma-romão | 12.ª — Armador-ardor | 17.ª — Rama-amar |
| 2.ª — Desventura | 6.ª — Armando | 10. — Clara-clarao | 14.ª — Macaca-maca | 18.ª — Raul-luar |
| 3.ª — Marcolino | 7.ª — Archeiro | 11. — Azelte-azeltão | 15.ª — Convento-conto | 19.ª — Eva-ave |
| 4.ª — Salmão | 8.ª — Lima-limão | 12. — Maleitas-matas | 16.ª — Arara-ara | 20.ª — Rã-ar |

ENTRETENIMENTO GEOMÉTRICO



DOIS NOVOS MODELOS
PARA
AS COMBINAÇÕES



LER AS INSTRUÇÕES
NO NUMERO ANTERIOR

Anequeta

PARA OS MENINOS COLORIREM

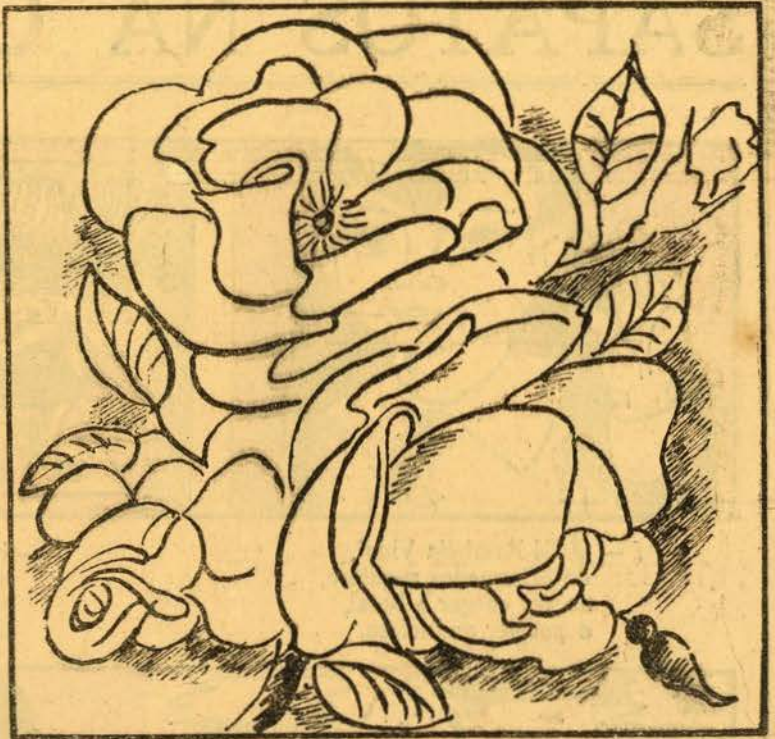
Um ricaço de província, que desejava estabelecer residência na capital, dirige-se a um escritório de trens de aluguer e expõe ao empregado num aranzel tolo, que deseja uma carruagem luxuosa aos meses e acrescenta:

— Quando eu fôr só na carruagem, vai só uma cavalgada, e quando eu fôr com a minha mulher, vão duas, entendeu?

— Perfeitamente, e vá v. ex.^o descansado. Cada pessoa, cada cavalgada. E meninos não tem?

— Não senhor, mas porque faz você essa pergunta?

— E' porque se os tivesse, e fôsse algum na carruagem, era mais uma besta,



Adivinha



Meus meninos: — Vejam se descobrem o possuidor desta árvore do Natal.

O NATAL DAS CRIANÇAS

Este ano não ha motivo para não presentear a petizada



A surpresa do sapato na chaminé fica ao alcance de todos

Os engraçados livros **Bêbês de Bibe e Babette, Lanterna Mágica, Pá-Tá-Pá, Có Có Ró Có, Papagaio Azul, Os meus contos e Aventuras de Papusse** constituem uma lembrança que além de divertir as crianças, lhes dá conhecimentos uteis.

Páginas ilustradas e coloridas em todos os livros

2\$50 CADA VOLUME

Pedidos à nossa Administração
RUA DO SEculo, 49

A' venda na

SUCURSAL DO ROSSIO

REMESSAS PELO CORREIO
A' COBRANÇA

SAPATOS NA CHAMINÉ



I — O Zé Rambóia Vidal,
de brinquedos sequioso,
ao ver chegar o Natal,
e por ser ambicioso,



II — junta, num grande montão,
todo o calçado que vê;
e põe-o ao pé do fogão,
debaixo da chaminé.



III — Calculando conseguir
uma autêntica montanha
de brinquedos, resolve ir
recorrer à sua manha.



IV — Após mil contas fazer,
vai buscar todo o calçado,
supondo, assim, poder ser
bastante presenteado.



V — Mas para inda duplicar
essa porção de calçado,
Zé Rambóia vai buscar
um espelho e põe-no ao lado.



VI — Com o ar mais natural,
murmura, então, Zé Rambóia:
— « Certamente o Pai Natal
não dará pela tramóia! »